



## GLOSAS CRÍTICAS MARGINAIS AO ARTIGO “CLASSIFICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: REDESCRIÇÕES...”. DE PROFESSORES DA REDE pública DE ENSINO<sup>1\*</sup>

Jênisson Alves de Andrade  
Flávio Dantas Albuquerque Melo  
Bartira Telles Pereira Santos  
Núbia Josania de Lira Souza

### RESUMO

*Este ensaio tem o objetivo de apresentar um debate preliminar sobre o artigo ‘CLASSIFICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: REDESCRIÇÕES...’ e suas posições sobre o “debate epistemológico” atual na área da Educação Física, bem como a relação entre ontologia (materialista), gnosiologia, epistemologia e axiologia, apontando para a relevância social concreta desse tipo de debate e seus desdobramentos para a Educação Física.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Física; Epistemologia; Produção do conhecimento.

### INTRODUÇÃO

No volume 18, número 04 de outubro/dezembro de 2012 da Revista Movimento foi publicado o artigo com o título “Classificações epistemológicas na Educação Física: redescrições...” de autoria de Felipe Quintão Almeida, Valter Bracht e Alexandre Vaz. No referido artigo os autores tratam de oferecer

“[...] uma redescrição de duas classificações epistemológicas bastante utilizadas na Educação Física: a) uma que considera a produção do conhecimento organizada em torno de três matrizes teóricas (empírico-analítica, fenomenológico-hermenêutica e críticodialética); b) e outra que opõe modernos e pós-modernos no debate epistemológico da área” (ALMEIDA; BRACHT; VAZ, 2012, p.241, negritos nossos).

Ainda no resumo os autores apresentam o resultado a que chegaram:

“Após apresentar as insuficiências e os limites dessas classificações, desabonando os rótulos a partir delas desencadeados, argumenta que a complexidade e a interpenetração das diferentes correntes teóricas indicam maior cautela na elaboração e uso das mesmas” (Idem).

<sup>1</sup> Analogia ao título do artigo de Marx “Glosas críticas ao artigo ‘O rei da Prússia e a reforma social. De um prussiano’” publicado no periódico Vorwärts!, publicado no Brasil pela Boitempo: Marx e Engels (2010).

\* O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Neste ensaio, buscaremos analisar a avaliação que estes autores fazem destas duas tendências de classificações epistemológicas correntes na Educação Física, para uma avaliação geral identificamos algumas ideias básicas levantadas pelos autores com relação às classificações epistemológicas em análise e que se aplicam também à teoria do conhecimento de que partem para tal classificação. Assim podemos começar a apontar tais traços fundamentais dos argumentos dos autores que apontam os equívocos de tais classificações:

1. Estes estudos epistemológicos se equivocam por não separar ontologia (materialista, como o ser é materialmente) da gnosiologia (como o homem conhece) e da axiologia (teoria geral do valor), e, conseqüentemente, teoria e programa político;
2. Seguindo a linha do primeiro ponto, os mesmos defendem que hermenêutica e ontologia são idênticos;
3. Defendem que os giros linguísticos e os modismos, denunciados por vários autores que se valem de tal classificação, consideram uma ontologia;
4. A ontologia está submetida à epistemologia;
5. Defendem que o mundo real não existe independentemente das nossas ideias, mais precisamente depende das nossas palavras, neste sentido, o "giro linguístico" diz que as palavras representam o mundo e o mundo só é real quando representado pelas palavras;
6. Seguindo o "giro linguístico", entendem que a objetividade do ser não é adequada para compreender a realidade, pois a realidade é construída pela nossa linguagem (o que põe em debate a relação entre objetividade e subjetividade, no qual supostamente as tendências de classificação epistemológica não incluiriam a subjetividade);
7. As "reações ao "giro linguístico" de resgate do real independentemente do pensamento" no sentido de constatar, explicar, compreender e modificar a realidade concreta não teriam fundamento já que a realidade só existiria no discurso;
8. As tendências classificatórias da epistemologia da Educação Física não apresentam um estudo seguro e fiel dos autores que estão sendo analisados e dão como exemplo Foucault, Rorty e outros;
9. Entendem que o aspecto político não deve ser misturado com o teórico, não só devem ser separados como não devem se influenciarem. E nesta esteira, deveríamos defender, portanto, autonomia da ciência em relação ao projeto de

sociabilidade do capital, ou seja, ficamos no âmbito isolado da ciência e deixaríamos a sociedade seguir seu ‘curso natural’;

10. Deveríamos abandonar qualquer vestígio do iluminismo, e assim, nem serve o projeto burguês incorrigivelmente individualista e naturalizante das relações sociais e nem o projeto comunista de superação da autoalienação do trabalho;
11. Os tipos de estudos epistemológicos que são analisados não tem fundamento e são renunciados pelos autores por supostamente prenderem a atividade dos pesquisadores ou por fazer oposição entre modernos e pós-modernos de forma supostamente indevida.

Cientes da ‘constelação’ de constatações que tivemos com a leitura do texto, buscaremos tratar alguns pontos tentando compreender as consequências concretas de tais tendências classificatórias epistemológicas da Educação Física e da recusa a elas feitas pelos autores.

O artigo produzido por Almeida, Bracht e Vaz (2012) está assim dividido: 1) Introdução; 2) Positivista, fenomenológico-hermenêutica e crítico-dialética: assim é a produção do conhecimento em Educação Física?; 3) Reações ao pós-modernismo na Educação Física; 4) Considerações finais. Primeiramente analisaremos as relações entre ontologia (materialista), gnosiologia e epistemologia e em seguida tentaremos iniciar as reflexões sobre as consequências concretas das tendências epistemológicas.

## RELAÇÕES ENTRE ONTOLOGIA (MATERIALISTA), GNOSIOLOGIA E EPISTEMOLOGIA

Primeiramente, busquemos compreender o que está sendo colocado sobre a relação entre ontologia, gnosiologia, epistemologia e axiologia. De saída, entendamos o que quer dizer ontologia. Para os autores ontologia subordina-se à epistemologia como segue:

[...] o estudo da hermenêutica seria o estudo do Ser e, como diz Gadamer (2007), Ser que pode ser compreendido é linguagem. Esta conhecida sentença revela, por um lado, o nexa entre ontologia e linguagem e, por outro, que a compreensão é um modo de Ser, e não um modo de conhecimento (portanto, a ontologia precederia à epistemologia, como pretende a reação ontológica desejada por aquela crítica). A viragem ontológica de Gadamer está enraizada em uma ontologia existencial que anuncia o erro da crença em um mundo real que seja independente da linguagem (ALMEIDA; BRACHT; VAZ, 2012, p.256, **negritos nossos**).

A supracitada passagem em destaque traz ao debate um autor da filosofia que funda esta suposta “viragem ontológica”, a partir do resgate de todo um sentido/significado dado à Interpretação, posteriormente chamada de hermenêutica, trazida desde a Antiguidade com

Aristóteles, passando por Tomás de Aquino na Idade Média, que e na Idade Moderna sofre várias influências, passando então de uma conotação de modo de perceber, entender algo que é apresentado pelo mundo externo, para a interpretação de textos bíblicos no sentido de trazer às claras um sentido oculto, e que chegará ao século XX a uma linha inaugurada por Scheiermacher e Dilthey, tratada por Heidegger como base de toda existência que é marcada por uma preconcepção do mundo encarnada na linguagem de cada um, e retomada por Gadamer que faz uma ontologia hermenêutica<sup>2</sup>.

Porém, a ontologia de que trata “o resgate do real, independente da consciência” ou a proposta do “giro ontológico”, criticado por Almeida, Bracht e Vaz (2012) é uma categoria que incorpora outros elementos, trata de outra linha de desenvolvimento histórico da mesma, podemos dizer que em certa medida até polêmica, o termo ontologia surge no século XVII, abrigando a compreensão de doutrina do ser e de suas formas, o encaminhamento que a ontologia recebe com o passar do tempo é de que o ser como tal é metafísico, está além da realidade, da física, à divindade, não obstante a estes detalhes não entraremos neles, o que interessa aqui é que a ontologia ora compreendida é referente ao ser enquanto ser e suas formas material e (portanto) historicamente existentes, o que fora elaborado por Marx, mas foi detalhado e posto em termos ontológicos pelo filósofo húngaro Györg Lukács no século XX, em um resgate da teoria marxiana que passava por deturpações de várias matizes, assim, Lukács mostra que entende o caminho percorrido pela ontologia e coloca suas bases materiais, resgatadas por Marx, entendendo que o homem é um ser da natureza, com uma característica específica: de ser autome Mediador de sua existência, e tal mediação fundamental é o trabalho, assim, conformaria um ser que pertence à três esferas ontológicas interdependentes: a inorgânica, orgânica e social<sup>3</sup>.

Almeida, Bracht e Vaz (2012) sabem que não se trata do mesmo sentido conforme apontam na passagem

“[...] a tese de que estaríamos vivendo, no debate epistemológico contemporâneo, uma supressão da ontologia, é questionável, ao menos se pensarmos nela a partir de um vocabulário diferente daquele que é defendido pela tradição crítico-dialética em Educação Física (ALMEIDA; VAZ, 2010)” (ALMEIDA; BRACHT; VAZ, 2012).

Porém, a tese que eles levantam nos coloca uma antítese, a saber, a supressão da ontologia como representação linguística não acontece, mas a supressão da ontologia<sup>4</sup> como

<sup>2</sup> Cf. verbete ‘hermenêutica’ ou ‘interpretação’ em Abbagnano (2007).

<sup>3</sup> Conferir Lukács (2010).

<sup>4</sup> “A percepção da ontologia em Marx fornece a ele os elementos passíveis de estabelecer de uma vez por todas a ruptura com o predomínio da gnoseologia e da epistemologia em nossos tempos. As

enraizamento do ser humano realmente existente, o ser social como aponta Lukács, conforme o materialismo histórico, como ser real concreto, é sim suprimido. Pois o ser humano, antes da automediação do trabalho e da linguagem, esta que surge em decorrência do trabalho, mas não se separa dele, servindo inclusive para projetá-lo a outros seres humanos, é um ser da natureza, de composição inorgânica e orgânica, e que vale lembrar, só poderá falar ou se comunicar se estiver vivo, o que traz para o debate a assertiva marxiana sobre a existência objetiva do ser humano: para fazer a história é preciso estar vivo, é preciso comer, beber, vestir, se abrigar, etc., ou seja, é preciso suprir as necessidades ‘naturais’ do indivíduo (comer como qualquer outro ser orgânico), e ‘não-naturais’ ou sociais do indivíduo (comer de uma forma determinada, diferentemente da dos outros animais, abrigar-se de forma determinada, se apropriar da cultura, etc.).

Cabe também lembrar que a ontologia do ser social conforme postulada por Lukács é uma das referências que Gamboa (2011) aponta como reações, as outras duas são desenvolvidas por Humberto Maturana e Ilya Prigogine, sendo estas as três formas de reações aos “giros linguísticos”, três formas de reações de uma “ontologia realista”, levantadas por Gamboa (2011).

Entendemos que essa questão de não expor a diferença de que se trata ao falar de, grosso modo, ontologia materialista em detrimento da ontologia idealista, se conecta intimamente a outro argumento defendido por Melo, Bracht e Vaz (2012) de que as tendências classificatórias epistemológicas não estariam se apropriando corretamente do pensamento de alguns autores como Foucault, Rorty e outros, do que se trata realmente é que eles querem desvirtuar a base concreta material, objetiva, com a qual se busca analisar a produção do conhecimento na Educação Física, como se devêssemos todos aderir ao ecletismo que, grosso modo, implica que o autor que estivermos lendo estará certo e suas ideias podem ser ligadas a outros autores que não pensem da mesma forma, mas que seja possível fazê-lo do ponto de vista da linguagem, mas poderíamos perguntar o *que seria o ponto de vista da linguagem sem o ser que atribui sentido e significado, que se comunica, que a nosso ver, independentemente da consciência, tem sua existência material?* Buscando o debate entendemos que nos parece um ponto de vista de uma abstração que ganha vida própria independente dos seres humanos reais dotados de consciência, que resulta do percurso evolutivo do gênero humano.

---

reflexões de Lukács partem da crítica fundamental que postula que, em Marx, “o tipo e o sentido das abstrações, dos experimentos ideais, são determinados não a partir de pontos de vista gnoseológicos ou metodológicos (e tanto menos lógicos), mas a partir da própria coisa, isto é, da essência ontológica da matéria tratada” (VAISMAN, ESTER; FORTES, VIELMI. 2010).

Bem, não entraremos em tantos detalhes neste reduzido espaço. Todavia atentemos que não por acaso um destes autores (Bracht) foi estudado por Mello (2009) em sua tese de doutoramento intitulada ‘a necessidade histórica da Educação Física na escola: a emancipação humana como finalidade’ com os trabalhos publicados nos GTT’s ‘Escola’ e ‘Epistemologia’, o qual era o autor mais citado e referenciado no CONBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte) de 1999, 2001 e 2003, curiosamente, sempre que expunha a respeito das pedagogias baseadas no materialismo histórico dialético, e esta mesma teoria do conhecimento, o fazia por intermédio de interlocutores ou de passagens desconexas dos autores de base dessa teoria do conhecimento, o que podemos ver na passagem numa nota de rodapé de Mello (2009) quando apresenta a ideia de Bracht segundo a qual o objeto da Educação Física *não estava dado na realidade, mas estava para ser construído*:

Não posso deixar de apresentar que Bracht, no sentido de argumentar sobre a construção do objeto, recorre à formulação de Bourdieu *et al.* ao citar Saussure e, mais uma vez compartilha com equívocos em relação a Marx. Nos termos dos autores: “‘o ponto de vista cria o objeto’ (p.51). Isto é, uma ciência não pode definir-se por um setor do real que lhe corresponder. Continuam os autores, citando então Marx: ‘a totalidade concreta, como realidade do pensamento é, de fato, um produto do pensamento na concepção’ (Idem, p.51)” (BRACHT 1993, p. 115). A frase de Marx posta desta forma não tem sentido. Sua compreensão vai na direção oposta à destes pesquisadores. A consciência humana apreende a realidade, mas a realidade não é um produto do pensamento, ou seja: “O concreto é concreto porque é síntese de múltiplas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. No primeiro método, a representação plena volatiliza-se em determinações abstratas; no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento. Por isso é que Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que se sintetiza em si, se aprofunda em si, e se move por si mesmo; enquanto que o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto, *não é senão a maneira de proceder do pensamento* para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado. Mas este não é de *modo nenhum* o processo da gênese do próprio concreto” (MARX, 1987, p.16-7, grifo do autor)” (MELLO, 2009, nota de rodapé n. 31, p.32, negritos nossos).

Pois bem, tratando-se da relação entre ontologia (materialista), gnosiologia e epistemologia, vimos que Almeida, Bracht e Vaz (2012) defendem que a epistemologia é superior à gnosiologia e que uma ontologia é também subjugada à epistemologia, ou seja, na epistemologia está contida uma gnosiologia e uma ontologia, conforme passagem anteriormente citada “a viragem ontológica de Gadamer está enraizada em uma ontologia existencial que anuncia o erro da crença em um mundo real que seja independente da

linguagem” (ALMEIDA; BRACHT; VAZ, 2012, p.256), desse modo, eles entendem que a hermenêutica é o estudo do ser e que o ser é o que pode ser expresso pela linguagem.

Nós, por outro lado, entendemos que uma ontologia materialista, que se expresse por uma “virada ontológica realista”, necessariamente abriga uma gnosiologia, pois apenas um ser realmente existente pode conhecer a partir de sua atividade prática sensível no curso do desenvolvimento do seu gênero, e tal conhecimento no curso do desenvolvimento histórico e acompanhando o desenvolvimento das forças produtivas ganha formas específicas (*episteme* ou conhecimento científico), que buscam regularmente em alguma medida garantias de que esteja certo, e se desenvolvem numa relação indissociável entre pergunta e resposta a partir da realidade concreta, ou seja, também historicamente determinado.

Portanto, devemos partindo de uma compreensão de que a realidade concreta tem existência independentemente da nossa consciência e linguagem, entendemos que deveríamos partir de constatações reais, no centro das quais está a da produção material da existência dos homens:

1. A existência de indivíduos vivos que fazem sua história sob bases preexistentes e independentemente das suas vontades (consciência e linguagem);
2. A produção dessa existência é uma atividade social, tal atividade é o trabalho como forma de intercâmbio entre o homem e a natureza produzindo sua existência de forma distinta das dos outros animais (que inclui a linguagem como parte do ser social do homem, surgida do trabalho e indispensável para sua realização);
3. A formação da consciência dos indivíduos é, também, um ato social e acontece sob as bases materiais, concretas, historicamente determinadas, ou seja, resultado da produção social da existência;
4. A contradição fundamental da nossa sociedade baseada na dominação do homem pelo homem, a contradição capital-trabalho, se expressa nas relações sociais sob forma de embate de projetos históricos que tem definidos suas posições de classe e horizonte teleológico, os quais de forma geral defendem a manutenção do *status quo*, ou uma ampla e radical transformação social, uma revolução;

No marco do capital a produção do conhecimento adquire força produtiva, ideológica e política, conforme Sobral (1986) isso acontece quando, no primeiro caso, o conhecimento é produzido, incorporado aos processos produtivos, aumentando a produtividade, o rendimento e a mais-valia, e assim, asseguram a concentração e acumulação do capital e o conjunto das

condições que o perpetuam, no segundo caso, quando é incorporado à sociedade industrial, a modernidade e a pós-modernidade, gerando políticas de racionalidade científico-tecnológica assumida pelo Estado, e, por fim, no terceiro caso, quando se submete aos interesses da classe dominante, os quais, mediatizados pelo Estado, se tornam leis, planos e diretrizes administrativas do governo.

Devemos ter claro também que da mesma forma que no marco do capital o conhecimento se torna força produtiva, ideológica e política, evidentemente o conhecimento produzido é também, em última análise, resultado do desenvolvimento geral das forças produtivas. Em outras palavras, o conhecimento é produzido partindo do atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas e ao ganhar força produtiva, ideológica e política ele contribui para o avanço das forças produtivas, assim sendo, ele é determinante e determinado.

## CONSIDERAÇÕES (AINDA) INICIAIS

Corroboramos que, antes de qualquer coisa, o pensamento marxiano e o marxismo é o resultado da práxis produtiva que se desenvolve e se acumula pela história, ou seja

O marxismo aparece de início como a expressão da vida social, prática e real em seu conjunto, em seu movimento histórico, com seus problemas e suas contradições, portanto nele está compreendida a possibilidade de *ultrapassar* sua estrutura atual (LEFEBVRE, 2011, p. 18).

O estudo de Marx sobre o capital e seu modo de produção por excelência, o capitalismo, produz a autoalienação do trabalho, a qual faz do homem alienado em relação à natureza, da qual ele mesmo é uma parte, um ser específico e automediador da natureza, do homem em relação ao processo de trabalho, em relação ao gênero humano e em relação aos outros homens (MÉSÁROS, 2006), fechando estas modestas reflexões vejamos de perto o trecho final do artigo em questão:

“Para evitar os reducionismos criticados no manuseio das classificações, entendemos que mais importante seria realizar estudos pontuais e cuidadosos dos autores que circulam e fundamentam o debate epistemológico em Educação Física. Isso seria bom para nós e também para eles, evitando simplificações exageradas que podem levar facilmente a rotulações do tipo: irracionalistas, conservadoras, idealistas etc. Elas muito pouco contribuem para o avanço do debate” (ALMEIDA; BRACHT; VAZ, 2012, p.259).

Mas como devemos então compreender toda essa problemática do debate epistemológico (que se considere superior à gnosiologia e igual à ontologia nas trilhas dos “giros” e o que se considere recolocar a epistemologia dentro da possibilidade de conhecimento da realidade que se apresenta independentemente da nossa consciência e linguagem)? De saída, entendemos que a produção do conhecimento determina a educação, e



ao mesmo tempo é por ela determinada, não se trata de uma determinação unilateral e tampouco exclusiva, a educação e a produção do conhecimento estão entre as complexas e múltiplas determinações do real, mas o que queremos atentar no presente momento é que a produção do conhecimento em uma área específica como a Educação/Educação Física traz consequências do ponto de vista produtivo, político e ideológico (SOBRAL, 1986) que são levadas para a escola e para a formação de professores, e se expressam ainda mais rápida e intensamente quando relacionados a outros ramos de formação para o trabalho produtivo como, por exemplo, as engenharias e vale ressaltar que esse movimento da produção do conhecimento é eivado do embate de projetos de formação humana antagônicos, em suma, da luta de classes.

O que resulta desse complexo movimento é o avanço das “novas pedagogias da hegemonia” ou pedagogias do “aprender a aprender”, as quais tem como corolário a desvalorização do saber objetivo a ser transmitido na escola (já que a realidade que se conhece seria a linguagem), desvalorização do papel da escola como instituição responsável pela transmissão do conhecimento para as novas gerações, desvalorização do papel do professor como sujeito responsável por ensinar (seria ele apenas responsável por coordenar a intersubjetividade tendo na linguagem a centralidade e primazia diante da realidade objetiva?) e estão centralizadas em uma teoria do desenvolvimento humano (como o ser se desenvolve) idealista, etapista e biologicista) que limita a aprendizagem. Desse modo entendemos que, não obstante a realidade escolar necessitar de respostas aos seus problemas, não podemos ficar aprisionados em “modismos” ou “pós-modernismos” e a saída é justamente a compreensão dos problemas concretos que mediante análise minuciosa terão propostas de mudança, em outras palavras, constatar, compreender, explicar e transformar.

Longe de tocarmos em todas as constatações que tivemos sobre o artigo em questão, buscamos no presente texto manter o debate das ideias em seu afinamento com a realidade concreta, considerando conseqüentemente a escola concreta, a sociedade concreta, o ser social. Portanto, reafirmamos que uma ontologia materialista é a base da existência de qualquer ser que tenha possibilidade de conhecer a realidade e que das várias formas de se conhecer a realidade ganha destaque aquela que busca grande medida de comprovação de validade que é a *episteme*, esta por sua vez se mostra como grande força produtiva, força ideológica, e política, assim formando uma relação complexa e dinâmica entre ontologia materialista, gnosiologia, epistemologia e axiologia (a qual medeia o ser social do homem e suas formas de conhecimento e atuação na realidade).

CRITICAL MARGINALS ANNOTATIONS ABOUT ARTICLE  
"EPISTEMOLOGICAL RATINGS IN PHYSICAL EDUCATION:  
REDESCRIPTIONS...". FROM PUBLIC PROFESSORS.

ABSTRACT

*This essay aims to present a preliminary discussion on the article CLASSIFICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: REDESCRIÇÕES...' and their positions on the "epistemological debate" today in the area of Physical Education, as well as the relation between ontology (materialist), gnosiology, epistemology and axiology, pointing to the relevance of this type of concrete social discussion and its implications for Physical Education.*

KEYWORDS: Physical Education; Epistemology; knowledge production.

GLOSAS MARGINALES AL ARTICULO "CLASIFICACIONES  
EPISTEMOLOGICAS EN EDUCACIÓN FÍSICA: REDESCRIPCIONES...".  
DE PROFESORES DE LA RED PUBLICA DE ENSEÑANZA.

RESUMEN

*Este trabajo tiene como objetivo presentar un análisis preliminar sobre el artículo " CLASSIFICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: REDESCRIÇÕES..." y sus posiciones en el "debate epistemológico" en la actualidad en el área de Educación Física, así como la relación entre ontología (materialismo), gnoseología, epistemología y social concreto axiología, señalando la relevancia de este tipo de debate y sus consecuencias para la Educación Física.*

PALABRAS CLAVE: Educación Física; Epistemología; la producción de conocimiento

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 5ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, F., BRACHT, V., VAZ, A.. CLASSIFICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: REDESCRIÇÕES.... *Movimento (ESEF/UFRGS)*, Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT), 18, ago. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/27727>>. Acesso em: 07 Abr. 2013.
- LUKÁCS, G. Para uma ontologia do ser social. São Paulo: Boitempo, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo, 2010.

LEFEBVRE, Henri. *Marxismo*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. *Lutas de classes na Alemanha*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, István. *A Teoria da Alienação em Marx*. Boitempo, 2006.

MELLO, R. A. *A NECESSIDADE HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: a emancipação humana como finalidade*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. O GIRO ONTOLÓGICO: o resgate do real, independente da consciência e da linguagem. In: CHAVES-GAMBOA, M.; SÁNCHEZ GAMBOA, S. *TEORIAS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO: os pós-modernismos*. Maceió, Alagoas: Edufal, 2011.

VAISMAN, ESTER; FORTES, VIELMI. *Apresentação*. In: LUKÁCS, GYÖRGY. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo, 2010.